

# DESPRET, VINCIANE. *WHAT WOULD ANIMALS SAY IF WE ASKED THE RIGHT QUESTIONS?* TRANS. BRETT BUCHANAN. MINNEAPOLIS: U OF MINNESOTA P, 2016.

Matheus Henrique Pereira da Silva<sup>1</sup>

Diversas questões têm movimentado e proliferado os estudos acerca dos animais nas ciências das humanidades em gerais os quais permitem e ao mesmo tempo são permitidos pela constante invenção e resignificação dos laços entre humanos e animais. A obra “*O que os animais diriam se perguntássemos as perguntas certas?*”<sup>2</sup>, Escrita pela filósofa e etóloga Vinciane Despret foi inicialmente publicada em francês no ano de 2012 e traduzida em 2016 para a língua inglesa por Brett Buchanan, envereda em uma variedade de pesquisas que remete a campos diferenciados de conhecimento sobre as indissociáveis questões epistemológicas, éticas e políticas que surgem a partir dos entrelaçamentos entre animais e humanos.

De acordo com Bruno Latour, Despret cria um novo gênero de escrita com o seu livro, a saber, para Latour Despret dá ensejo às “fábulas científicas” e, assim, questiona as dimensões, as redes e os limites que definem os campos da ciência e da política, sobretudo em relação à neutralidade reivindicada pelos cientistas com seus elementos conceituais dicotômicos - como sujeito e objeto, natureza e cultura, corpo e mente, humanos e não-humanos – tal como se sucede no âmbito da Grande Divisão Ocidental Moderna (Latour, 2005).

---

Agradeço ao Flávio da Silveira pelo incentivo de sempre a leitura e a leitura e sugestões dx parecerista anônimo.

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: Matheusk11@hotmail.com.

<sup>2</sup> Livre tradução minha para o título da obra resenhada: *What Would Animals Say If We Asked the Right Questions?*

Dessa maneira, as *fábulas* são apresentadas através de um abecedário contendo diferentes anedotas, relatos, histórias de “fatos científicos”. Então, lemos os elefantes artistas de “A for artists: for stupid like a painter?” (Despret, 2016, 1), ou a *mise-en-scène* dos orangotangos junto a Berosini em “E for Exhibitionists: Do animals see themselves as we see them?”, quando estes dramatizam e criam durante seu show uma figura particular da experiência de exposição, a qual permite a troca de perspectivas (Despret, 2016, 30).

Despret também nos fala sobre as narrativas de cientistas em seus engajamentos criativos com os animais e menciona a primatologista Barbara Smuts em “C for Corporeal: Is it all right to urinate in front of animals?” (Despret, 2016, 15), a qual renunciou a sua forma neutra e não comunicativa de pesquisa que se baseava na suposição de que os babuínos seriam indiferentes à indiferença empregada na observação de seus comportamentos. Inicialmente, Smuts ignorava as pistas sociais dos babuínos, mas no decorrer da pesquisa ela vai aprendendo, sem saber, que tais pistas indiciam o quanto os babuínos são sensíveis, têm seus corpos afetados nos contatos com humanos e, frequentemente, a observavam (Despret, 2016, 17). As questões vão se transformando e a cientista é pragmaticamente conduzida em suas pesquisas à responsabilidade relativa às maneiras pelas quais corpos humanos e animais se tornam mais sensíveis em seus agenciamentos - expressando seus desejos e interesses no âmbito da *feitura* de relações entre agentes distintos.

Já em “U for Umwelt” (Despret, 2016, 161) a autora apresenta uma leitura pragmática da teoria do *Umwelt*, proposta por Jakob von Uexküll, conforme a qual os animais só percebem coisas que têm um significado para eles (Uexküll, 1982, 24). Todavia, as respectivas percepções dos animais efetuam uma atividade que preenche o mundo com objetos perceptivos, o que implica em significados. Não há um objeto neutro, sem qualidades vitais, no mundo de um animal, já que os objetos são perceptíveis em termos de afecções e de seu potencial de afetar.

Tal teoria considera a perspectiva do animal em relação aos aspectos semiológico, os quais correspondem às possibilidades de um animal experimentar e construir seu próprio mundo [*Umwelt*] e, assim, de dar significado às coisas no que tange aos seus agenciamentos com elas. Esta possibilidade abre o caminho para uma concepção mais ativa do animal, porém Vinciane Despret vislumbra uma maneira mais radical em relação às consequências de tal teoria, na medida em que elabora a concepção concernente às “perspectivas afetadas” [*affected perspectives*] (Despret, 2013 B, 6), segundo a qual o cientista não tem como objetivo entender somente o que algo significa

para o animal, mas também de que modo e em que medida algo importa para ele. Buscar o que importa já não envolve apenas produzir um inventário taxonômico sobre os signos em relação aos quais os animais agem/reagem. Diferentemente, trata-se do estabelecimento de vínculos e de uma troca de afetos com o observador.

Para Despret, o pesquisador não está mais buscando uma consulta semiológica, isto é, as *perspectivas afetadas* consideram que algumas coisas são mais significativas do que outras para os agentes, exigindo que o observador lhes dê alguns valores afetivos a partir do ponto de vista do animal, tornando-os, assim, ainda mais interessantes. Portanto, as perspectivas afetadas se relacionariam com o risco de ser tocado/afetado pelo que importa para o animal que se observa, ou seja, de ser afetado pelo corpo do outro na medida em que torna incerto, mais uma vez, o que pode um corpo, já que como afetar e ser afetado por um corpo consiste em um processo constante de aprendizado acerca dos limites e potências dos agentes envolvidos, pela diferença de suas configurações relacionais multiespecíficas. Esta orientação de tomar o corpo como fio condutor revelaria o corpo dos cientistas em suas práticas e seu dispositivo experimental, considerados na perspectiva da singularidade da ciência (Stengers, 1993) como processos contingentes, nômades, políticos e marcados por uma deriva intrínseca - o que implicaria uma redefinição das noções de *fato científico*, *verdade* e *razão*.

Despret entende que contar histórias é uma forma de descrever e expressar os entrelaçamentos dos corpos de humanos e de animais, no sentido de traçar uma linha de fuga em relação ao paradigma normativo das narrativas. As fábulas dos não-cientistas (criadores de animais, instrutores e tratadores), suas “anedotas”, são frequentemente desqualificadas pela normatividade da ciência que denuncia sua suposta falta de confiabilidade por estarem contaminadas pelos quadros de referência antropomórficos, principalmente no que se refere a suas interpretações sobre o comportamento animal. Porém, como nos apresenta Despret, tais anedotas apontam o paradoxo dos afazeres científicos com suas práticas de purificação (Latour, 2005, 35), sob condições altamente artificiais da experimentação laboratorial, quando imputam uma série de perguntas, como: podemos pensar nossas relações com os animais em seus próprios termos (considerando o ponto de vista do animal), ou seja, a partir da multiplicidade de agências e de suas formas de compor ou desagregar mundos? Podemos nos sentir *por* e *como* animais ou isto sempre implica assumir alguma dimensão de antropomorfismo, empatia e projeção humana, demasiada humana?

Desta maneira, o livro de Despret é um projeto ético, epistemológico e político que busca ressignificar o mundo com o qual nos engajamos através da ponderação

concernente à constituição das subjetividades outras com as quais nos vinculamos. Assim, para Despret, questionar a relação entre animais humanos e animais não-humanos não consiste em perguntar pelas categorias que delimitam o comportamento animal sob o espectro de uma razão demasiadamente humana. Pelo contrário, perguntar pelos elos entre humanos e animais concerne a problematizar, de maneira pragmática, de modo somos, estamos e devemos nos responsabilizar por nossos agentes-companheiros (Despret, 2013 A, 44).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Despret, Vinciane. (2016). *What Would Animals Say If We Asked the Right Questions?* Trans. Brett Buchanan. Minneapolis: U of Minnesota P.
- \_\_\_\_\_. (2013 A). From secret agency to interagency. *History and Theory*, v. 52, pp. 29-44.
- \_\_\_\_\_. (2013 B). “Responding bodies and partial affinities in human-animal worlds.” *Theory, Culture, Society*, v. 30, n. 7–8, pp. 51–76.
- Latour, Bruno. (2005). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Ed. 34.
- Stengers, Isabelle. (1993). *L’Invention des Sciences Modernes*. Paris: La Découverte.
- Uexkull, Jakob von. (1982). *Dos animais e dos homens (Digressões pelos seus mundos-próprios e Doutrina do Significado)*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

## Para conhecer Vinciane Despret

### Em espanhol

- Despret, Vinciane. (2008). El Cuerpo de Nuestros Desvelos. Figuras de la antro-zoo-génesis. In: Tomás Sánchez-Criado (Org.), *Tecnogénesis: la construcción técnica de las ecologías humanas*. Madrid: Antropólogos Americanos, pp. 229-261.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Cuerpos, emociones, experimentación y psicología*. España: UNED.

### Em português

- Despret, Vinciane. (2011). Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, pp. 5-28.



\_\_\_\_\_. (2011). As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, pp. 29-42.

\_\_\_\_\_. (2011). Os dispositivos experimentais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, pp. 43-58.

\_\_\_\_\_. (2011). O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas? *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, pp. 59-72.

\_\_\_\_\_. (2011). Acabando com o luto, pensando com os mortos. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, pp. 73-82.

\_\_\_\_\_. (2011). Conhecimento, Ética e Pesquisa. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 6, n. 2, pp. 257-264.

\_\_\_\_\_. (2016). O que diriam os animais se... *chão da feira* – *Caderno de Leituras*, n. 45, pp. 1-20.